

AS PALAVRAS VÃS EM *ABDIAS*, DE CYRO DOS ANJOS

Ângela Cogo Fronckowiak *

É forçoso reconhecer que um mundo novo se abre (...) e que eu sou a voz de um mundo que se extingue. Sim, que coisa mais melancólica me escapou da pena: a voz de um mundo que se extingue.

(Cyro dos Anjos, *Abdias*)

A obra *Abdias*,¹ de Cyro dos Anjos, apresenta uma prosa altamente interiorizada e subjetiva, retomando, sob certos aspectos, a tradição do realismo psicológico iniciado com Machado de Assis. Segundo a postulação de Goldmann,² as leis que regem a vida cotidiana, tanto social como economicamente, não são diferentes daquelas que regem o comportamento do criador cultural. Há, para esse teórico, uma homologia entre a estrutura romanesca e a consciência empírica do grupo social que a forjou. A forma por excelência de criação literária da burguesia capitalista, o romance, realiza, no plano particular de sua estrutura, um universo em tudo coincidente à lógica comportamental e aos valores dessa mesma sociedade.

Não se trata, portanto, de conceber a obra literária como mero documento, ou reflexo, da sociedade que a produziu. O intuito da análise é procurar desvendar, dentro da perspectiva genético-estrutural, em que medida o romance *Abdias* organiza, mais ou menos coerentemente, as estruturas que permeavam a consciência do escritor e, ao mesmo tempo, explicita-as para o grupo social que a possui. Nesse sentido, a obra constitui, como defende Goldmann, uma

tomada de consciência coletiva através de uma consciência individual, a do seu criador, tomada de consciência essa que revelará, na seqüência, ao

* Prof^ª. Mestre do Departamento de Letras e Comunicação Social da UNISC.

¹ ANJOS, Cyro dos. *Abdias*. 4.ed. Porto Alegre: Globo, 1965. As citações do romance foram extraídas dessa edição, constando, a partir de agora, somente o número da página no corpo do trabalho.

² GOLDMANN, Lucien. O estruturalismo genético em sociologia da literatura. In: ___ et al. *Literatura e sociedade*. Lisboa: Estampa, 1978. p.275-300.

*grupo, aquilo para que ele tendia “sem o saber” no seu pensamento, na sua afetividade, no seu comportamento.*³

Tendo sua primeira publicação em 1945, o romance *Abdias* é descendente direto do período da literatura nacional muitas vezes referido como a “era do romance brasileiro” e que iniciou em 1930. Segundo Alfredo Bosi, embora a Semana de Arte Moderna tenha desempenhado um papel primordial no panorama das manifestações culturais brasileiras e preste-se muito bem, como demarcação temporal, à periodização literária, o ano de 1930 e as modificações econômicas, sociais e políticas iniciadas a partir da Revolução de Outubro tiveram maior significação para nosso amadurecimento literário. O movimento que eclodiu na Revolução de Outubro,

*tendo nascido das contradições da República Velha que ele pretendia superar, e, em parte superou; e tendo suscitado em todo o Brasil uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos, vincou fundo a nossa literatura lançando-a a um estado adulto e moderno perto do qual as palavras de ordem de 22 parecem fogachos de adolescente.*⁴

O núcleo da narrativa recai sobre o relacionamento de um professor e uma aluna no colégio das irmãs Ursulinas, considerado, ainda, como “aristocrático educandário” pela elite de Belo Horizonte. O professor Abdias, funcionário e diretor do Arquivo Histórico, assume a disciplina de Literatura Portuguesa e Brasileira no curso de extensão do referido colégio. Esse curso, durante dois anos, aprofundava os estudos de artes e letras e tinha como objetivo ocupar as alunas advindas do ginásio, que “se formavam cedo demais e com insuficiente preparo. Deixavam o Colégio com quinze ou dezesseis anos e, em geral, ficavam sem o que fazer em casa, até que arranjassem casamento” (p.3). Abdias, a princípio bastante crítico com relação à postura de sua aluna Gabriela, apaixonou-se por ela e, através de seu diário íntimo, passa a narrar os acontecimentos. Casualmente, Abdias já conhecera o ramo materno da família de Gabriela. Os bisavós da aluna tinham sido vizinhos de Abdias em Várzea dos Buritis, cidade do interior de Minas, para a qual se transferiram depois da decadência do ciclo da mineração. Glória,

³ *Idem. Ibidem.* p. 283.

⁴ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1992. p. 431.

mãe de Gabriela, costumava passar as férias no sobrado dos avós e Abdias já tinha sido por ela apaixonado durante a adolescência.

O tempo da diegese, demarcado por Cyro dos Anjos na primeira página do romance, remete ao ano de 1938, mais precisamente a fevereiro deste ano, e equivale ao período que antecedeu o segundo conflito mundial entre nações. Trata-se de um tempo em que velhos impérios desagregavam-se e novas potências surgiam no horizonte histórico da era industrial, marcando o fim do colonialismo clássico europeu.⁵ Um dos diálogos entre Gabriela e seu professor Abdias permite a recuperação desse contexto:

receios de que se deflagre nova guerra. Perguntou-me que achava disso. Respondi que, infelizmente, a coisa parecia apenas questão de tempo. A anexação da Áustria, os discursos de Herr Hitler, sua interferência na guerra civil da Espanha eram indícios de que já se preparara a máquina bélica para realizar o sonho germânico de conquista do mundo. (p.21)

No cenário brasileiro também se processavam modificações. O Brasil se industrializava e a crescente urbanização alterava o nexos econômico até então centrado no setor agrário-exportador. A Frente Revolucionária, que dera origem à Revolução de Outubro de 1930, muito heterogênea, composta por velhas oligarquias, tenentes, burguesia liberal, classe média e até camadas populares exaltadas, não se consolidou. Vivíamos um momento de grandes agitações políticas (Manifesto Integralista -1932- de inspiração fascista, unificador das forças de direita; Intentona Comunista -1935- cujo presidente de honra era Luís Carlos Prestes). Getúlio Vargas, apoiado pelos militares, preparou um golpe de estado para permanecer no poder. Encerrava-se o período conhecido como República Nova e instaurava-se o Estado Novo. Esse movimento de forças, muitas vezes antagônicas e inconciliáveis, está bastante presente na obra de Cyro dos Anjos, e pode ser resgatado na passagem em que Gabriela descreve o pai, um “médico de nomeada, ex-deputado ligado aos círculos políticos” (p. 25), numa conversa informal com o amigo e professor Abdias:

- Ele diz que os tempos são outros e é natural que a nova geração substitua a velha, mas desconfio

⁵ Cf. DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

que tem esperança de não ficar esquecido. Acredita que o Brasil vai mudar muito, principalmente se houver guerra na Europa. Foi revolucionário em 1922, 1924, e 1930. Agora é de paz ... Ainda espera assistir à evolução social do Brasil, mas deseja que as modificações venham sem violência, pela simples pressão das massas. É o que está sempre a dizer...Se o senhor visse a cara que mamãe faz com essas conversas...Papai lhe chama "latifundiária" e diz que os Ataídes têm mentalidade feudal. O senhor acha? (p. 94)

Trazer à tona essas questões só se torna relevante na medida em que a abordagem sociológica genético-estrutural, proposta por Lucien Goldmann, exige situar, inicialmente, o contexto em que a ação narrativa se desenvolve e os grupos sociais envolvidos no bojo dessa ação. Tal referência, entretanto, não possui o intuito de vincular sumariamente um autor particular ao contexto social. A relação essencial entre a sociedade das primeiras décadas do século XX e a criação literária de Cyro dos Anjos dá-se como uma via de mão dupla. Explicitar essa relação é o mesmo que esclarecer as leis fundamentais de comportamento e ver em que medida, a partir delas, podemos perceber, no conjunto da vida social, o estatuto que têm para a criação cultural e, mais precisamente, para a criação literária.

A história de um professor quarentão, apaixonado por uma adolescente de dezesseis anos, escrevendo seu diário, na repartição pública, em horário de expediente para que dele a mulher não tome conhecimento, pode parecer pueril numa leitura rasa. Da mesma forma como parecem surgir da mesma banalidade os problemas e as mesmices da vidinha pequeno-burguesa de Abdias. Evidentemente, a história é banal, de uma banalidade tão gritante que acaba por imprimir-se negativamente. Não é possível ler *Abdias* sem nos indagarmos sobre o objetivo e a justificação de uma narrativa sobre tal tema.

O núcleo de interesse que o romance suscita advém, principalmente, do fato de o assunto, insignificante na sua essência, tomar corpo quando percebemos que seu eixo propulsor é uma estagnação aparente. Aparente porque, em *Abdias*, nenhuma linha da armação temática está posta sem querer significar isso mesmo: mesmice, inércia e ausência de um projeto significativo para a própria existência do eu ficcional. Nesse sentido, a estagnação temática, reforçada pelo modo

narrativo do relato interiorizado, é o mecanismo que impulsiona a economia do romance. Para Alfredo Bosi, esse romance narra "em primeira pessoa, menos a vida que as suas ressonâncias na alma de homens voltados para si mesmos, refratários à ação, flutuantes entre o desejo e a inércia, entre o projeto veleitário e a melancolia da impotência".⁶ A estagnação de Abdias frente à vida e os recursos dos quais se utiliza, na escrita do diário, para justificar-se perante si mesmo, acabam impondo o perfil psicológico da personagem e a intencionalidade ficcional.

Num diário, encontramos uma escrita voltada para si mesma, na medida em que, coincidentemente, o *eu* é autor, assunto e destinatário. Em *Abdias*, entretanto, a situação se problematiza. A personagem principal, ao escrever suas confissões diariamente, organiza seu discurso como se os destinatários fossem *outros*, que porventura tomassem conhecimento daquelas páginas. Na verdade, o professor Abdias projeta nesses *outros*, possíveis leitores, as suas mazelas íntimas e as justifica. Nós, leitores, acabamos por ocupar o lugar dos narratários para os quais Abdias escreve o diário. E é a nós que ele, de alguma maneira, ao narrar pede absolvição, exige condescendência e impõe cumplicidade:

Esperem. Não devo escrever tudo o que me vem à cabeça. Às vezes representamos como atores, perante nós próprios, e mesmo aquilo que brota espontaneamente do coração costuma não ser sincero. Os sentimentos usam máscaras até em sua câmara íntima. Para encontrar a verdade, temos de despi-los, nos redutos mais secretos. Bem sei que não sou um monstro. Talvez tenha querido passar como tal, apenas para excitar a piedade de alguém em cujas mãos possam estas páginas cair algum dia. É muito conhecido este processo de captarmos a benevolência alheia com a confissão nua de nossas misérias.

Nada de dramatizações. Quero ser de uma sinceridade total. (p. 82-83)

Existe o interesse evidente desse narrador numa aproximação íntima com o narratário. Mas ele não quer ser julgado, ele quer ser ouvido. Como num

⁶ BOSI, Alfredo. *Op. cit.* nota 4. p. 472.

processo de análise, somos impelidos a ouvir as lamúrias, nem sempre coerentes, desse homem fragmentado e acreditar na veracidade das mesmas. O narrador afirma, nessa e em outras passagens, que pretende ser de uma sinceridade total. Em inúmeros trechos a inclinação explícita do professor Abdias pelos valores da verdade e da auto-análise se fazem notar. Efetivamente é essa sinceridade exacerbada que pode nos levar a “ler” o romance como o simples relato de uma existência insignificante; leitura para a qual o próprio narrador parece nos querer conduzir.

Assim, já nas primeiras páginas do livro, Abdias, em uma das anotações do seu diário, explicita-nos claramente o juízo que faz acerca de si mesmo. O episódio refere-se a história de Violante, parente distante da família Ataíde (portanto, parente da aluna Gabriela) e que rompeu com a família e os preconceitos da sociedade mineira para poder seguir seu destino ao lado do homem que amava. Abdias diz:

Na verdade, a bela Violante amava o destino, como convém às almas que não são mediocres. Mas o destino lhe deu beleza, sentimento heróico da vida e a moldura dum velho nome. Propiciou-lhe tudo o que uma epopéia reclama, e ainda a levou cedo, para que a velhice, pouco épica, não lhe deformasse a imagem.

Certo Abdias, meu conhecido, não terá muitos motivos para amá-lo. Só lhe deu o sonho e nada mais.

E um sonho que nem como sonho se realiza, porque às ilhargas do meu Quixote foi cosido um Sancho. (p.14)

Em seguida, vai fazer referência, num trecho recheado de ironia, ao seu complexo de inferioridade, oriundo de um desejo confesso de ascender socialmente através do casamento:

Perdoem ao pobre tolo. Padece, sem dúvida, de um complexo de inferioridade. (...) Quando rapaz, picado por veleidades de elegante, pretendeu freqüentar as altas rodas. Queria conhecer no seu próprio habitat aquelas esquivas criaturas que

mal se deixavam ver a saída de uma igreja ou um teatro, e a rápida partida, nos automóveis de luxo que as esperavam. Por uma anomalia do sentimento amoroso, importava-lhe no objeto amado, mais que as qualidades específicas deste, aquilo a que o moço Abdias chamava pedigree. Uma beleza sem estirpe nem posição social não lhe causava impressão. (p.16)

Se a hipótese de Goldmann é correta, como acreditamos que seja, a estrutura da obra nos revela, mesmo que inadvertidamente, um certo tipo de consciência coletiva (distinta daquela consciência ideológica orientada no sentido da preservação, ou melhoria de posição, no interior de uma estrutura social). A consciência coletiva que Goldmann acredita poder resgatar, na análise das obras, vincula-se a uma visão do mundo. Mais explicitamente, se refere à consciência de grupos sociais privilegiados, nos quais há uma unidade e uma coerência de pensamentos e atitudes capaz de superar uma simples preocupação com os interesses materiais. Qual seria, então, essa visão do mundo permeável em *Abdias*? Que tipo de unidade ou coerência ela apresentaria? Essas questões forçaram a leitura do romance num outro sentido, na tentativa de averiguar quais as implicações e comprometimentos relacionados com a sinceridade, confessada no discurso, do narrador de uma vida “insignificante”.

Não há dúvida de que Abdias é um herói fragmentário e problemático (na acepção lukacsiana⁷ do termo), mas a que tipo particular de grupo social remete-nos essa personagem? Abdias não é um narrador qualquer, pertence ao setor médio da sociedade, não fortuitamente exerce as funções de funcionário público, professor, crítico e historiador da literatura. A profissão dessa personagem é decisiva para a compreensão do alcance da obra. Tributário do desejo confesso de nomeada, que desde o século XIX aparece na literatura brasileira, Abdias não é original quando, por ocasião de sua indicação para o cargo de professor no Colégio das Ursulinas, afirma que a direção leu

trabalhos que andei publicando pelos jornais, e insiste em que sou uma vocação que se ignora, no tocante ao magistério.

⁷ Cf. LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Tradução por Alfredo Margarido. Lisboa: Presença, [s.d.].

O convite alvoroçou-me. Um pouco por curiosidade, acerca da nova experiência, um pouco pelo secreto desejo de tribuna, que mora no peito dos tímidos, há muito eu o ambicionava. (p. 2)

Esse mesmo sincero homem, que humildemente reconhece sua necessidade de público, na página seguinte fará dura crítica às mulheres que, no anseio de consolidar posição social de destaque, disputam vagas para suas filhas no Colégio das Ursulinas. Os termos são esses:

Mas, Deus meu, deixemos em paz essas aflitas matronas que porfiam por coisas tão vazias de substância. Metade do mundo gravita em torno de pequenas vaidades e ostentações, e as mulheres nelas se comprazem mais que em tudo... (p.3)

Através de um motivo banal, a maneira como são disputadas as vagas em um colégio de renome da capital mineira do início do século, Cyro dos Anjos deixa entrever o perfil do intelectual brasileiro, fixado nas mesmas questões “vazias de substância” - para plagiar Abdias - que impelem mães e mestres a desejarem notoriedade e reconhecimento público, seja, para umas, através do colégio que freqüentam suas filhas ou, para outros, do trabalho que desempenham.

Como já foi mencionado, o livro reproduz verossimilmente a estrutura fragmentária e tensa do mundo a partir das modificações econômicas, sociais e políticas das primeiras décadas do século XX. No caso particular do Brasil, a industrialização e o processo de crescimento urbano dela decorrente marcaram sobremaneira a vida nacional. Uma nova classe, ligada ao nascente setor industrial, muito favorecido pela conjuntura econômica internacional, florescia e alterava os nexos das relações sociais. Iniciávamos nosso periférico capitalismo emergente. Abdias, frágil representante da intelectualidade nacional, também foi sensível a essas modificações e ao ônus que elas ocasionavam, justificando-as, entretanto, através da desvalorização da própria imagem, numa clara demonstração do fascínio que nele elas exerciam:

Conhecendo, na capital, uma sociedade mais polida, terei adquirido hábitos diferentes, mas permanece, em mim, irreduzível, um fundo rústico que costuma repontar aqui e ali, rompendo a frágil

camada que se lhe superpôs.

Não passarei, assim, de um roceiro semicivilizado, enquanto Gabriela é criatura realmente fina. Às necessidades que a cultura suscita é natural que correspondam hábitos novos, nova linguagem, novo tom, diferentes daqueles que exprimem a vida rudimentar de Várzea de Buritis. (p.44)

Há, em Abdias, a presença do sentimento incômodo da inadequação, que faz com que se perceba deslocado, vivendo fora do seu habitat natural. Ao mesmo tempo, ele deseja e sempre desejou experimentar o novo, para o qual não parece estar capacitado. São oscilações significativas, pois à aguda sensibilidade que intui as alterações sociais e a necessidade de adaptar-se a elas, corresponde uma espécie de desconcerto íntimo. Um desconcerto que aponta para a depreciação do indivíduo e, nesse caso muito especificamente, de sua atividade profissional: o trabalho intelectual. O juízo que Abdias faz de sua ocupação se modifica, do mesmo modo como oscilam o juízo que faz de si mesmo, do seu relacionamento matrimonial com Carlota, de seu amor por Gabriela ou de seus colegas professores. A imagem nítida que formamos, ao ler o romance, é a de uma balança desajustada que pende, ora para um lado, ora para outro, sem nunca alterar significativamente o movimento, como se estivesse prestes a alcançar o equilíbrio. Por isso a “insignificante” narrativa parece estagnada e sua transparência, apoiada no relato “verdadeiro,” bastante suspeita. Como tudo oscila em igual medida, a estagnação é reforçada, mas o custo da estagnação é o estilhaço do indivíduo:

Por que esconder a verdade a mim mesmo? Já não tenho dúvida do sentimento que nutro por Gabriela. Só os fracos procuram iludir-se, dissimulando a realidade perante a própria consciência. Não sou fraco. Posso dar a aparência disso (...) Mas, de fato, só transijo quando não há, em causa, um interesse fundamental. Sei que não me faltam vontade e ânimo, pois sempre procurei a verdade e nunca temi enfrentá-la.

Não tenho capacidade para dramas. (...) É verdade que não sermos capazes de dramas já constitui, por si só, um drama. Para os que são, um lance épico tudo resolve. Nós outros roemos ingloriamente



a nossa dor, burocratizamos o nosso sentimento. Estou certo, porém, de que não hei de sofrer em demasia. Sou medíocre em tudo. (p. 64-65)

Esta brutal página de auto-análise ilustra perfeitamente o jogo ambíguo a que está condicionado Abdias. Somos levados a assistir a fragmentação de um homem, que não é fraco, mas que só transige quando não há riscos em jogo. Um ser para o qual a busca pela verdade faz com que se sinta possuidor de vontade e ânimo; contudo, a vontade e o ânimo de um medíocre, que burocratiza seus próprios sentimentos. Assim também são as referências que Abdias faz à monografia que está escrevendo acerca da origem das *Cartas chilenas* de Tomás Antônio Gonzaga. Paralela ao seu trabalho na escola, como professor, seus encontros no Centro de Estudos Sociais e a burocrática direção do Arquivo Histórico, Abdias realiza essa quarta atividade, que o acompanha durante toda a narrativa.

Primeiramente, chama a atenção, com relação ao trabalho de pesquisa de Abdias, o fato de o objeto de estudo ser as *Cartas chilenas*.⁸ Será fortuito o professor dedicar anos de estudo a um texto que tem, no cerne de sua gênese, a discussão autoral, motivada pelo uso do pseudônimo por Tomás Antônio Gonzaga, e o tom satírico? Em segundo lugar, desperta interesse a “importância” que Abdias dedica à monografia, mencionada de tantas maneiras diferentes quantos foram as variações de ânimo da personagem.

A relevância, ou falta dela, atribuída ao trabalho, permite estabelecer um paralelo da homologia existente entre o papel da intelectualidade num Brasil que muda e a estruturação do romance. Numa primeira referência, cheia de sarcasmo e ironia, Abdias comenta que a posteridade deverá a Carlota (esposa do mesmo e pessoa que personifica, com sua existência, o senso crítico, a moralidade, a justeza de caráter e a manutenção dos valores pequeno-burgueses da família) o serviço de tê-lo mantido longe da vida boêmia e em condições de produzir algo significativo:

A posteridade te deverá esse serviço, avisada Carlota. O moço Abdias ancorou-se em ti, no

⁸ As *Cartas chilenas* só tiveram sua autoria comprovada a partir da segunda metade do século XX. Nelas Tomás Antônio Gonzaga satirizou, sob o pseudônimo de Critilo, o governador Luís da Cunha Meneses, chamado no texto pela alcunha de Fanfarrão Minésio. Cf. BOSI, Alfredo. *Op. cit.* nota 4. p. 78-89.

momento difícil em que as desilusões e os amores frustrados o iam atirando à vida boêmia. Muito há que conversar, a esse respeito, com os que preconizam o celibato dos letrados. Não fora o apoio que em ti encontrou, o sentimento de menosvalia que o acabrunhava talvez o arrastasse a alguma ligação com mulheres de outra casta - não propícias ao labor intelectual - e nossa história literária jamais teria a solução definitiva do problema das Cartas chilenas, que creio poder dar ainda este ano, numa bem documentada monografia...

Minha versatilidade a mim próprio me deixa atônito. Começo ontem, a falar nos meus companheiros do Centro de Estudos Sociais e acabo a página com o preconício do meu estudo sobre a autoria das Cartas chilenas, o qual, falando agora sério, nada resolve e apenas atíça a controvérsia em torno da questão. (p. 17)

Entre um parágrafo e outro dessa longa citação a diferença é a de apenas um dia. Nesse curto lapso de tempo, a procura desesperada pela verdade expõe o prenúncio do julgamento crítico que Abdias parece amadurecer. Esse julgamento é levado a cabo ao final da narrativa, desnudando um homem exaurido, desencantado consigo mesmo, com o papel que ocupa e com a possibilidade de vir a significar algo mais no cenário cultural do que uma mera “formiga” laboriosa:

Revi as provas da monografia sobre as Cartas chilenas, que estavam jogadas no fundo de uma gaveta (...).

Exerço, no mundo das letras, atividade modesta. Não sendo um criador, minha função é a das mais formigas que sem cessar carregam para o celeiro literário os frutos quase anônimos do seu trabalho: um estudo subsidiário, uma pesquisa, pequeno ensaio crítico. (p. 134)

Na visão de Alfredo Bosi, a narrativa realizada por Cyro dos Anjos instaura

um plano ficcional que configura a cisão homem / mundo em termos de retorno à esfera do sujeito.⁹ Na consciência intelectualizada do professor Abdias, se estabelece um duelo cruel no qual não é possível identificar perfeitamente as raízes das convulsões internas que se apoderam do indivíduo. Evidentemente há, no contexto da nova sociedade, a desvalorização da atividade intelectual. O que parece problemático, contudo, é a maneira pela qual o professor Abdias se adapta e adere a estes valores ainda não explicitados de todo. Em alguns momentos, a “verdade” dessa convulsão íntima vem à tona, mas é sempre amordaçada, sob a justificativa de um comportamento moral:

Não devemos afligir-nos por um pensamento condenável, que reponte, de relance, em nossa consciência e que prontamente repelimos. O que nos define são as idéias estratificadas, que dão estabilidade à nossa feição moral. (p. 48)

A imagem da moral construída sobre idéias estratificadas aparece sólida e definitiva. Qualquer raciocínio alternativo que possa aflorar é condenável e deve ser repellido, embora eles não cessem de surgir e nem possam ser escamoteados. A aguda percepção, mesmo que inconsciente, de Cyro dos Anjos, forjou um narrador dicotomizado entre o pensamento e a ação:

Acredito que todos os homens são mais ou menos assim e que a alma humana é um campo de batalha, um mar de contradições. Que nos condenem pelos atos, se por algo devemos ser condenados, e não pelos pensamentos. Aqueles, afinal, podem representar o fruto amadurecido de uma longa gestação do espírito, ao passo que estes muitas vezes não são mais que o lodo da alma revolta. (p. 83)

Sem deixar de fugir àquela ambigüidade, regra até agora perceptível na organização interna do romance, é patente a oscilação de valor que Abdias acaba delegando aos próprios pensamentos. Eles não são confiáveis, pois simbolizam o lodo de uma alma revolta; não são plausíveis, pois não se convertem em ação, em atividade concreta. O paradoxal é que os atos são tidos como frutos amadurecidos de uma longa gestação do espírito. E o que seria essa gestação senão atividade do intelecto?

⁹ BOSI, Alfredo. *Op. cit.* nota 4. p. 444.

A contradição que se instaura em *Abdias* é a de um homem para o qual o trabalho intelectual, do qual tira seu sustento, transformou-se no exercício da palavra vã. Assim, o romance tem um duplo significado. Positivamente, ele expõe a interioridade do eu ficcional através do fluxo psíquico; pelo lado negativo, entretanto, deprecia e condena a atividade intelectual a um lugar secundário, circunscrito à esfera da reflexão. Incapaz de situar e de resolver os conflitos sociais que lhe são impostos em nível da ação, Abdias escreve um diário. É na escrita desse “outro” texto que o professor instaura a possibilidade de uma palavra edificante, pois só o exercício dessa escrita íntima - exercício de análise e, portanto, de puro pensamento - foi capaz de expor literariamente a visão do mundo da intelectualidade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Cyro dos. *Abdias*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

GOLDMANN, Lucien. O estruturalismo genético em sociologia da literatura. In:___ et al. *Literatura e sociedade*. Lisboa: Estampa, 1978. p. 275-300.

_____. Materialismo dialético e história da literatura. In:____. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 69-90.

_____. O teatro de Genet: ensaio de estudo sociológico. In:___ et al. *Sociologia da literatura*. Lisboa: Presença, 1980. p. 11-48.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Tradução por Alfredo Margarido. Lisboa: Presença, [s.d.].